



NOITE
MOA
HOMEM
SIPRIANO
CANA

NOITE, HOMEM, CAMA

Moa Sipriano

NOITE,

Fim de correrias e pressões.

Pelanca se foi.

É claro que ele não podia perder seu culto na obscura igreja de milagres bem pagos.

Já Baba Cão, o paspalho, ficou em plantão.

Contas e faturas. Fraturas e rombos.

Eu, o esqualido submisso do outro lado da mesa, carregava a obrigação de remediar as cagadas dos treze clientes e assim satisfazer um chefe balofo de pinto atrofiado que, por tabela, ainda era meu tio!

A única vantagem em permanecer sozinho no escritório decadente é a liberdade de tragar novecentos maços sem ninguém a me aporrinhar os sacos.

Impostos não declarados, falcatruas em notas fiscais. Papéis, papéis. Planilhas e mais planilhas. Afogado em números e fórmulas, sem poder me defender, eu era capaz de ouvir o trinado do meu superior a guinar nos arredores dos meus sentidos primários:

“Trabalhe, trabalhe, trabalhe! Deus proverá!”

Quase oito. Hora do maldito culto. Mesmo tão distante, eu sentia aquela presença nefasta.

“Eu... quando tinha a sua idade... blá, blá, blá!”

Eu estava esgotado, dois pontos além do meu próprio limite.

Adeus Sábado Sagrado!

Pouco depois das dez, abandonei meu posto, fui ao banheiro, lavei a minha cara de boqueteiro, busquei um café frio na copa, posicionei novamente minha bunda magra na cadeira arrombada e joguei tudo para o alto. Chega de “librecalc”. Estava na hora de caçar algo bem mais interessante ao meu parco prazer.

Entrei na primeira vala liberada.

Santo deus. Há quanto tempo que eu não frequentava uma sala de bate-papo!

Inovei um *nick* objetivo: *um_bom_papo_32*. Assim eu minimizava a caralhada de bambees novinhos loucos por uma vara anônima.

Cansei de esperar. Já estava para desistir de um “oi, vamos teclar?”.

Surgiu uma alma caridosa aos quarenta e seis do segundo tempo: *solitario_quer_soh_papo*.

Apelidos virtuais aparentemente afinados, eu autorizei o princípio de diálogo.

Doce ilusão.

Na primeira linha da segunda frase, logo após o indefectível “boa noite, você tá sempre por aqui?”, veio a merda da “e ai, gatinho, tem lugar?”.

Um Colorido mais-do-mesmo foi bloqueado na minha virtualidade em cinzas e chumbo.

Quarenta e nove minutos. Prorrogação.

Impaciente, eu dedilhava minhas unhas carcomidas sobre o descascado *mousepad*. Deixa essa merda pra lá, vamos pra casa relaxar esse corpo que implora por uma boa gelada!

Toc, toc! Um *empresario_38_hxh* me chama. Última tentativa.

Boa noite, tudo bem com você?... tudo ótimo... buscando um bom papo, sem baixarias?... sim, e você... o mesmo/podemos tentar?... claro, por que não...

E a caçada rendeu algo promissor, muito além do inesperado.

HOMEM,

Eu pareço um enamorado tonticídio. Já dormi, já acordei e sei que não sonhei.

Sua imagem, seu olhar, sua candura. Enfim, todos os pormenores estão aderentes nas minhas retinas, dão voltas no alto da minha cabeleira desfiada e até beliscam as partes fofinhas da minha alma adolescente.

Eu estou feliz. Sou um embriagado radiante!

Pode parecer loucura, eu sei. Afinal de contas, pouco nos conhecemos.

Será que é “pouco” mesmo o que nos atrai assim, tão intensamente?

Carência? Desejo de “dar certo”? Uma aposta no Futuro ou um tiro no Escuro?

Não acredito em nada disso. Talvez eu não queira aceitar possibilidades tão desestimulantes.

É engraçado saber que já tínhamos visto um no outro, sei lá eu em que paragens; se foi algo apenas virtual ou não.

Pois é. Pensar que mantivemos certa intimidade social noutra passado. Que viagem! Mas não consigo encontrar nos meus arquivos “cabeçais” quando e por qual motivo não sustentamos o contato.

Está certo. Vamos esquecer o que foi perdido. Certamente o “antes” não era o tempo exato. Não podíamos ficar juntos. Simples assim.

Acredito na profecia: eu fixando moradia em Lovland, destinado a encontrar um homem, um amigo, um companheiro de jornada exatamente como você.

Sempre estivemos tão próximos. E, ao mesmo tempo, tão isolados!

Éramos predestinados um ao outro? Talvez. Quem sabe.

Quem tem a resposta? Eu tenho.

Espero que você sinta na ternura do meu olhar a sinceridade dos meus atos de boa conquista. Que você confirme no aperto da minha mão um traço marcante da minha rigorosa meiguice. Que no fervor do meu abraço você capte a proteção, o amor e a ampliação de certos anseios.

Será que estou indo longe demais? Acho que não.

Eu sinto, eu quero, eu espero ser “O Cara” na sua vida.

Aqui. Agora. Talvez... para sempre!

Se, um dia, você almejou ser amado em plenitude, idealizou um macho que venere o homem que você é, alguém que saiba degustar suas palavras e os lampejos da sua alma; um servo fiel aos seus caprichos mais enraizados, além de um verdadeiro companheiro para todas as horas sombrias, espero ser eu a brindar sua

existência com inesquecíveis fragmentos impregnados de alegrias e prazeres, além do impossível.

Se (já) estou apaixonado por você? Não sei, mas garanto que a sensação ao ouvir pelo celular seu timbre adocicado na noite passada... uau, pude senti-lo tão íntimo!

Como eu poderia imaginar que num contato virtual de escape, de repente tudo seria catapultado até o alvo certo: a forte possibilidade do Amor?

W., investigando seu perfil na Rede Azul, notei que você aparenta ser um sujeito muito popular. Não só por causa do seu trabalho em seu restaurante luxuoso, mas, claro, por você ser filho da terra e dominar vasto conhecimento sobre tudo e todos aqui na ilha.

Puxa vida, como você é um belo homem! Um homem que se cuida, que preza sua imagem, que adquiriu bom gosto, que aprecia e merece todo conforto e as vantagens que uma boa vida digna é capaz de proporcionar.

Claro que a “casca” é importante, mas, para ser sincero, o que capto além do seu fino verniz é o que mais me fascina.

Trago uma série de fotos suas no meu Lumia. Bailo o dedo pela tela, admirando os traços perfeitos do seu rosto vívido. Divirto-me à beça ao tocar no furo do seu queixo ou perscrutar regiões encantadoras dos seus músculos bem nutridos, enquanto viajo na profundidade da sua visão acastanhada.

Daqui a pouco vamos nos encontrar. Espero que, de imediato, possamos trocar boas energias, e que sintamos um no outro a aspiração de uma união bonita, real e sincera.

Espero conquistá-lo com minha inteligência, minha sensibilidade, minha fidelidade, meu fogo. E minhas panguices!

Ah, é claro que não posso negar o quanto você me põe alucinado de tesão.

E ainda tem um bônus! Pois escondo no pacote ofertado uma imensidão de carinhos bem variados, já que me considero extremamente romântico.

Espero que você goste de mim. Que você se sinta atraído por mim além dos meus atributos traseiros. Que minha companhia física proporcione algo inesquecível à sua pessoa.

Sabe, W., nos últimos sete anos eu praticamente me abandonei à própria sorte. Fechei meus instintos no lado esquerdo de um mundo paralelo, dedicando-me apenas a suportar meu ofício de Contador e apostar no meu talento enquanto artista-carpinteiro nas raras horas vagas.

Essa é uma longa história que deverá ser entalhada pessoalmente.

Sempre alimentamos a esperança de um recomeço; de encontrar alguém que esteja disposto a um produtivo caminhar ao nosso lado.

Eu havia me desiludido um pouco com os homens. Foram muitos choques sucessivos diante de sujeitos em que acreditei de supetão; depositei confiança e atenção, anulando o bom senso. E, no final, talvez por me entregar sem barreiras ou por ser transparente e sincero em demasia, jamais fui compreendido.

Fui sumariamente descartado!

Sendo assim, voltei para os braços da Nicotina e os afagos do Alcatrão.

Oh, sinto pavor em acreditar que talvez eu seja realmente pegajoso além da conta! Inúmeras vezes eu tentei salvar relacionamentos, tanto amizades quanto casos mais íntimos. Falta de respeito, falsidades não disfarçadas e escabrosas mentiras alheias foram minando meu alicerce emotivo, sensorial e sacal.

Não estou me fazendo de vítima. Eu não preciso disso.

Apenas relato um detalhe concreto.

Por que escancaro isso só agora?

É porque senti na sua voz melodiosa um fio de esperança do “cara ideal”. Eu senti nas suas palavras algo galáctico que despertou meu coração, me fazendo inspirar com orgulho a brisa etérea a fim de aplacar a quentura ansiosa que se apossou do meu espírito outrora abatido.

W., eu chorei muito durante a madrugada. Uma torrente de lágrimas salpicada de esperanças, onde minhas faces doloridas de braços dados com meu infantil olhar naufragado foi direcionado aos céus num andamento não programado.

Numa prece sem nexos, agradei a oportunidade desse encontro a ocultar traços da Magia.

Enquanto escrevo, eu o observo aqui na minha segunda tela. Que vontade maluca de tocar suas bochechas rosadas, sentir seu cheiro almiscarado (eu já conheço o seu perfume), abraçar bem forte esse corpo compacto e me entregar a você, tipo: “caralho, EU TÔ AQUI!”

Eu sei, eu sei. O destilar bocejante das mesmas frases carregadas de clichês pisoteados.

Todos nós cacarejamos as mesmas ladainhas quando nos deparamos com uma alma na mesma sintonia.

Somos medonhos. As expressões da Paixão são ridículas, provocando na plateia aquela vontade de enfiar dois dedos no sininho e vomitar rios de indecência.

É estranho ficar apaixonado. Mas é divino viver amando, por mais idiota que sejam nossos atos de tosca conquista.

Bom, W., é assim que eu sou quando eu amo: intenso, direto, sem rodeios.

Que eu possua qualidades para ser “O Escolhido”. Que logo após o derradeiro beijo, eu possa me transformar em todas as delícias que você sempre sonhou em compartilhar com um cara maneiro (eu não consigo controlar o riso solto).

Que meu amor esteja à sua altura. Que minha lava enverede entre suas chamas, onde seus músculos suados e nossos pelos trançados sejam testemunhas do nosso gozo sem fim!

Não vejo a hora de sentir o sabor das suas essências, lamber as linhas másculas da sua pele bem tratada, morder a textura dos seus lábios amora e pitanga, engolir seu sexo dentro do meu sexo, urrar com sua virilidade a invadir todos os meus domínios.

Esse sou eu...

Espero ser seu...

T.

* * *

Foram essas as palavras despejadas no *e-mail* que enviei a W. antes do nosso primeiro contato físico.

Após conversarmos boa meia hora na sala de bate-papo, passamos para o Skype, onde pudemos conferir a transmissão ao vivo da realidade das nossas existências não mais solitárias.

Assim que botei os pés em casa, fui agraciado por um telefonema apaixonado, de poucas e necessárias palavras carregadas de apetitoso romantismo.

Entre nuvens cancerígenas, eu me sentia um enamorado bobalhão. Daí a inspiração para compor a longa e amadora poesia eletrônica.

* * *

W. saiu do extremo norte da ilha por volta das nove da noite, chegando em casa, no lado sul, exatamente dois minutos antes do horário combinado.

Ele estacionou o carro bem na frente do meu chalé bolorento.

Cavalheiro teatral, Sir Músculos Compactos desceu e abriu a porta do lado do passageiro, pedindo e segurando a minha mão tonteada, conduzindo meu Eu estupefato para o interior perfumado da sua Fiat carruagem.

Meu domingueiro sapatinho de cristal roçou o espesso carpete do Idea. Minhas mãos amareladas, inquietas, não encontravam posição adequada a fim de atrofiar o pulsante nervosismo.

Não tive dúvidas; assim que W. reassumiu o volante, lasquei minha mão esquerda no vão das suas coxas de granito. Ele adorou minha ousadia.

Partimos, entre risinhos afetados, para um delicioso Café & Namoro.

Aquela noite amena nos brindava com o cintilar de estrelas selecionadas a entoar canções românticas que reverberavam em nosso sonho.

Na única mesa disponível do lado de fora do Groove's, sentamos um de frente para o outro, mãos sempre unidas no ardor da cobiça descarada, sem nos preocuparmos com os passantes que, impressionados e tolerantes e gotejando invejas, poderiam até apalpar a energia de dois machos em encantadas preliminares antes do vulcânico acasalamento.

Tudo na vida de um gay acontece rápido demais, intenso demais, arrebatador demais!

Em duas horas que pareceram dois minutos, entabulamos uma melada conversa, onde currículos foram expostos e confirmados, experiências reveladas e trocadas, afinidades sendo ticadas no quadradinho do “O.K., temos tudo a ver um com o outro”.

Definitivamente, W. era o meu homem-metade perfeito: seu físico, seu olhar, seu cheiro, sua inteligência, sua bondade, seu pé no chão, sua sinceridade, seu caráter, sua personalidade. Além do gritante volume do seu sexo!

Tudo aprovado com louvor!

Eu acreditei na veracidade do momento. Ele era um novo deus encarnado.

Depois da nona Corona, partimos para o segundo degrau da construção do nosso louco amor.

CAMA,

Enevoados pelo álcool, meu príncipe encantado fez questão de pagar a conta.

Convidou-me para um passeio. Rodamos pela orla Norte-Sul, sul e norte.

Ele, cantarolando algo Alan Parsons. Eu, engolindo um câmbio bem calibrado.

Em Gobsun, a praia oficial dos amantes pelúnicos, ancoramos nossa carruagem italiana, desvanecemos as luzes artificiais e fizemos o mesmo com nossas vestimentas medievais, entregando nossas vontades ao embate viril e caudaloso.

O marulho das ondas servia como suave trilha sonora a costurar nossa putaria imbuída em insuperável amor e desnorteado tesão.

W. roubou todos os beijos. Fora de si, meu príncipe buscou a fartura dos pelos negros em meu peito descompassado, atacando com suas porcelanas afiadas os meus mamilos indefesos, agora inchados e dilacerados pelo Minotauro encarnado.

Na mesma fúria dos prazeres, meu rabo foi retorcido e posicionado para o encravar da Grande Lança. De nada adiantaram falsas lágrimas e gritos reais, pois meus gemidos excitados e dor submissa apenas serviram de estímulo para o galopar inclemente daquele delicioso Fera Indomada.

Sal e suor e pelos claros e escuros mesclados na luxúria; laços abertos e pregas desfeitas. Marcas profundas de arcadas traiçoeiras em minhas orelhas, pescoço, costas e nuca... tudo maravilhosamente destroçado.

W., encarnando uma brutal versão anabolizada do urso da Coca-Cola, bramiu ensandecido enquanto seu leite amargo calcinava minhas entranhas.

Eu, duzentos por cento escravo de um vício, vibrava com o arpejo da tromba-d'água a avolumar-se na ponta da borracha salvadora.

Um cigarro, meio toque de carinho glacial e inseguro no deslizar de dedos rijos nos meus cabelos lisos e encharcados, e nada do direito do meu gozo esfacelar-se entre coxas, peitos ou vãos do meu novo dono.

Apesar do esquecimento, eu estava satisfeito, esperançoso e cego demais para impor minhas ridículas necessidades.

Deixamos Gobsun para o raiar das gaiivotas. Aceitei que se eu quisesse, deveria completar o ciclo em casa, solitário, entre sonhos inexplicáveis e punhetas doloridas.

W. despachou-me no final da primeira hora na segunda madrugada, onde um beijo selado de lábios distantes veio acompanhado de frases sonolentas destilando a promessa de que haveria o dia seguinte, a confirmação do namoro, o desejo de “quero mais você” e até de um longínquo “eu sei que vou te amar”.

NOITE, HOMEM, CAMA

Minha carta de amor caiu por terra e se desfez em seiscentos e sessenta e três pedaços, apanados pelo Vento Sul.

Não houve outro contato ou ao menos a vontade de promover qualquer nível de renovada aproximação. Descobri, por puro acaso, que eu jamais me encaixaria nas entrelinhas de um alemão chamado W.

Sei que ele continua na sua eterna procura de um parceiro ideal para cinco minutos de escape; fodendo rabos iludidos, reticente em suas escolhas, trilhando seu caminho egoísta, sem se dar conta do que necessita em si mesmo.

Confirmei que meu Senhor fora Príncipe de outros Sapos Alegres; que muitos foram beijados e fodidos em múltiplas madrugadas na praia chamada Gobsun, cultivando a esperança de se transformar na Donzela prometida e viver de amor e de sombras, enclausuradas no Grande Castelo.

Derrotado pela minha ignorância, aceitei que minha carência mais uma vez cegou todas as nuances da Razão.

Minha sinceridade nas palavras e atitudes certamente assustou mais um pretendente à vaga ainda aberta no meu coração.

Minha sorte ou nosso azar?

Em uma NOITE encontrei a Esperança. Naquele HOMEM aceitei a tentativa de um engate preciso. Numa CAMA – mais uma! – acabei sem a vigésima quarta prega do meu rabo ainda em recuperação, sem mais uma lasca do meu apreço por mim-eu-mesmo, sem mais uma porcentagem da vergonha que eu deveria manter na minha cara cretina, aprendendo a não recorrer eternamente nos mesmos erros.

* * *

NOITE, HOMEM, CAMA: um sinal de alerta a quem descobrir no meu relato de cenas óbvias, repetitivas, traiçoeiras, moto-contínuo de um vício que só pode ser curado através de um Amor Verdadeiro baseado no respeito, diálogo, equilíbrio e pura sinceridade entre os envolvidos.

* * *

Admirando profundas olheiras a denunciar minha podridão, embalsamo minhas retinas com o poder regenerador do trigésimo bafo amargoso de uma haste vinda do inferno.

Tresloucado, quebro a quina do espelho secular na esperança de ser o sorteado com sete anos de bom azar.

Ensanguentado, encaro a figura impostora de um Cristo irreal, olhos verdes e afeminados cabelos compridos encaracolados, o semblante quase apagado numa gravura medieval emoldurada em lascas de madeira e ouro, pregada naquela centenária parede de madeira. Ao som do Suede, besunto meu próprio sangue nos contornos dos meus lábios secos. Estirado no sofá, segurando a décima Heineken, permaneço a questionar, entre delírios e soluços indiscretos:

“Se o próprio Filho encontrou o Outro Amor na companhia de Paulo, eu certamente serei agraciado com minha Alma Companheira até setembro!”

Despachando risos distorcidos, confirmar essa heresia confortou, por hora, a minha solitária alma em frangalhos.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**